



Editorial: Uma possível gramática de desobediência decolonial¹

Sandro Adrián Baraldi

A colonialidade é uma mentalidade, ou seja, se autoreproduz constantemente enquanto *microações* são executadas. Assim como sugere Foucault, em *A microfísica do poder*, o poder é exercido por um soberano que ordena sequências de eventos sustentados por uma rede de relações estratégicas combinadas e distribuídas no grupo social – os “obedientes”. Dessa forma o poder tem uma ação capilar que permeia toda a sociedade. Tecnologias invisíveis garantem certas atividades e reprimem outras, desta feita, quando estas relações preferidas se tornam automáticas, produzem saberes, discursos, subjetividades. E então um certo tipo de poder se sustenta automaticamente, se autorreproduzindo constantemente. É assim que a colonialidade funciona.

Vamos então defini-la. Penso que o modo mais prático e intuitivo foi classificado por Walter Mignolo²: a colonialidade é uma visão eurocêntrica racional marcada pela teopolítica e pela egopolítica. A teopolítica é derivada do pensamento cristão em que as “almas”, ou “razões”, são superiores ao corpo; e a egopolítica deriva de um narcisismo patológico e infantil que estrutura a mente. Assim fica fácil imaginar o que se encontra no espaço intelectual e idealista da teo e da ego políticas. O que está no intangível, no imaterial, lhe pertence. A alma, a superioridade de alguns seres, a civilização, a matemática, o racional, o pensar, o conhecimento, o universal, etc., etc., etc. Todos esses elementos são utilizados para justificar um modo de lidar com o material, o tangível. Exalta-se a razão, o pensar, em detrimento do corporal; proclama-se o universal sobre o contextual; eleva-se o egocentrismo contra o coletivismo. Tudo unido por uma religião em que o patriarca supremo tudo vê, tudo pode, está em todo lugar. Todos são o seu rebanho; tudo são os seus

¹ Este editorial é uma sequência, não obrigatória, do editorial da Revista Cactácea anterior, a de número 14: <https://rgt.ifsp.edu.br/ojs/index.php/revistacactacea/issue/view/14>

² Mignolo, Walter. **Desobediencia Epistémica. Retórica de la modernidad, lógica de la colonialidad y gramática de la descolonialidad**. Buenos Aires, Argentina: Ediciones del Signo, Colección Razón Política, 2010.

recursos. Sem exceção se apropria de tudo e de todos. E mimeticamente se reproduz esse “paradigma” em todas as famílias. Esse é o modo de pensar colonial.

Mas além de ser uma forma de ver o mundo, exige a conversão. Ou se aceita e segue suas regras, ou se é destruído. Isto porque é conveniente economicamente: o rebanho é escravo, a mulher serve ao propósito de aumentá-lo; o homem, como soldado, toma os recursos dos outros e enriquece a hierarquia patriarcal. Tal qual descrito no *Deuteronômio*, livro bíblico do Antigo Testamento em que Deus faz um pacto com os escolhidos para exterminar os não-escolhidos, “tu [o escolhido] as combaterás [as tribos não-escolhidas] até ao extermínio. Não farás aliança com elas nem as tratará com compaixão”³. É um discurso antigo, infelizmente ainda onipresente.

Não é complicado, portanto, escolher onde aplicar a desobediência: em tudo o que não for corporal e contextual. Ainda conforme Mignolo, a “corpopolítica” e a “geopolítica”, o tangível, o material, são o que deve ser levado em conta para organizar as *microações*. O que sentimos, o que desejamos, está muito explícito quando se refere à corporalidade. Não precisamos de autoridades que nos digam o que devemos sentir e desejar. É explícito, basta prestar atenção ao próprio corpo e ao entorno. Parece difícil porque somos construídos psiquicamente com um superego fortíssimo, uma fonte de autoritarismos interna que nos diz sempre como é adequado nos comportarmos. Vivemos em um ambiente de “*influencers*” que nos dizem como nos vestir adequadamente, nutricionistas que nos ordenam como comer certo, médicos que negam as dores que realmente sentimos e nos dizem quais as dores que devemos sentir, porque sempre estamos equivocados e inadequados, não somos bonitos nem feios o suficiente, estamos sempre gordos ou magros demais, nosso comportamento é alegre ou emburrado demais. Enfim, o fato é que perdemos o contato com a realidade concreta, material. E agora, para coroar a insuficiência, temos a Inteligência Artificial (IA) que veio para substituir o que pensamos. Nem isso somos mais capazes de fazer.

Rosa Parks, no ano de 1955, se recusou a ceder seu lugar no ônibus a um homem branco. Foi fichada pela polícia porque estava cometendo um crime grave e essa *microação*, deu início a uma sequência inesperada de eventos que culminaram na Suprema Corte Norte Americana e que deu origem à lei de antissegregação racial em transportes públicos. É evidente que a pequena e corajosa ação de Rosa foi o estopim de uma injustiça que há muito tempo estava acontecendo, mas ela prova que nunca sabemos qual imperceptível ação ousada dá *start* a mudanças imensas nem pensadas a princípio.

O apelo é que abandonemos parcialmente essa montanha de regras, nos voltemos para fora e ousemos interferir no estabelecido. Não para dentro, porque o corpo é uma relação com o exterior.

³ SEVERINO, Antônio Joaquim. **Filosofia**. São Paulo: Cortez, 1994, p. 46.

Não existe corpo dentro, a comida, o ar, a água, o calor, vêm de fora. Só temos consciência porque há um corpo em um meio, portanto, o corpo se constitui de fora para dentro e não ao contrário, como queria Descartes.

Autor:

Sandro Adrián Baraldi

Doutor e Mestre em Filosofia da Educação pela Universidade de São Paulo, Faculdade de Educação e Bacharel em Filosofia pela Universidade de São Paulo, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas.

Editor Chefe da Revista Cactácea <https://rgt.ifsp.edu.br/ojs/index.php/revistacactacea/index>.

Pesquisador do grupo de pesquisa Mandacaru: educação e filosofia

<https://dgp.cnpq.br/dgp/espelhogrupo/657508>.

Pesquisador do GRUPEFE- Grupo de Pesquisa e Estudo em Filosofia da Educação

<https://dgp.cnpq.br/dgp/espelhogrupo/33966> .

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/6246489151782898>.